

## QUEM ERAM OS GÁLATAS DE PAULO?

Bianca Miranda Cardoso

<http://lattes.cnpq.br/8277187602763178>

### RESUMO:

Tendo por título um questionamento, a intenção do presente artigo é investigar a formação e analisar a sociedade residente da Ásia Menor, especificamente aquela localizada no centro da península da Anatólia e nomeada *Galácia*. O objetivo é perceber como a presença de diversos povos nesta região e as relações entre estes contribuíram para a configuração da sociedade a quem Paulo se dirige no século I da era comum em sua *Carta aos Gálatas*.

Palavras-chave:

Paulo – Gálatas – Celtas – Anatólia – Ásia Menor

### ABSTRACT

By Having a question as a title, the intention of this paper is to investigate the formation and analyze the society resident in Asia Minor, specifically the one located at the center of the Anatolian peninsula and named Galatia. The goal is to understand how the presence of several people in the region and the relations between them contributed to the shaping of the society Paul addresses in the first century of the common era in his letter to the Galatians.

Key Words:

Paul - Galatians - Celts - Anatolia - Asia Minor

### Introdução

Ao analisar os métodos de abordagem a textos antigos, em especial textos bíblicos, Bruce Malina demonstra a importância da compreensão do “cenário” em que estas obras são produzidas. O entendimento deste “cenário” e dos conceitos culturais que cercam os autores e as obras comprometem o entendimento das mesmas tanto para aqueles dias como para os atuais (MALINA, 2008, p. 3-24, *passim*).

Tendo em vista que os conceitos são históricos e, por isso, também sofrem a interferência do tempo decorrido entre seu uso inicial e atual (SAHLINS, 1990, p. 10) procura-se aqui discutir algumas questões relativas ao “cenário” da Carta de Paulo aos Gálatas. O estudo tem a finalidade de investigar os seguintes temas no

que tange ao estudo da Epístola: (i) o estado atual dos estudos sobre autoria e datação da mesma; (ii) se os membros das Igrejas da Galácia, a quem Paulo se dirigiu em sua carta, ainda poderiam ser identificados como celtas, ou descendentes destes, no momento da produção da mesma;

A contribuição das diversas disciplinas usadas no estudo, isto é, o diálogo efetuado entre material teológico, histórico, e arqueológico, proporciona uma troca de informações e leituras imprescindível quando se tem em vista o difícil acesso às fontes arqueológicas, analisadas segundo sua metodologia particular, a escassez de publicações que articulem disciplinas, e a quantidade de obras que relêem obras anteriores pois já conhecem suas conclusões antes de iniciar a pesquisa.

## **I. Estado atual da questão**

### **1. Autoria datação e destinatários**

Parece consensual nas obras aqui pesquisadas<sup>1</sup>, a quem é atribuída a autoria da epístola, assim a maioria dos autores não gasta muitas páginas com esta questão (KÜMMEL, 1982, p.395; SCHLIER, 1975; NEIL, 1967; MARTYN, 1997; BARBAGLIO, 1991; SCHNEIDER, 1967, 1980). A saudação final da carta: "Vede com que letras grandes eu vos escrevo, de próprio punho." (BÍBLIA DE JERUSALÉM<sup>2</sup>, 2002, Gl 6,11) é usada como argumento, ainda que questionável, para a autoria da carta por Paulo e sua autenticidade não é se quer discutida.

Dotada de "alto nível dramático e emocional" (MARTYN, 1997, p.13,19), esta carta é comparada com as demais que o autor teria produzido, apresentando indícios de que Paulo teria ditado grande parte da carta e, nesse momento crítico do discurso (Gl 6,11), tomado o pergaminho em suas mãos e escrito, de fato, "de próprio punho" (LUHRMANN, 1992, p.1).

Betz qualifica a carta como um documento de caráter oficial, na medida em que a partir da passagem 1,2, percebe-se a presença de um grupo que apóia o posicionamento de Paulo na carta (BETZ, 1979, p.1,40), seja este um grupo ou a ajuda de um assistente, a presença ativa de Paulo na Epístola é provada pela crítica literária por meio da comparação desta com as demais cartas de sua produção.

É portanto, admitida aqui a autoria de Paulo, conforme o próprio se denomina:

---

<sup>1</sup> Por serem tidas como referência na medida em que obras posteriores remetem a elas. Observa-se aqui o pensamento que vinte e três autores, pertencentes ao meio teológico e exteriores a ele, fazem da carta em termos de sua datação e destinatários.

<sup>2</sup> A partir de aqui abreviada como BJ, 2002.

“Paulo, apóstolo – não da parte dos homens nem por intermédio de um homem, mas por Jesus Cristo e Deus Pai que o ressuscitou dentre os mortos” (BJ, 2002, Gl 1,1).

A datação da carta é dificultada pela escassez de fontes que forneçam elementos para tal (BARBAGLIO, 1991, p.11). Ela própria não menciona eventos históricos, portanto, nada daria indícios para uma datação precisa, somente aproximada (BETZ, 1979, p.9,11). Assim, os autores recorrem aos eventos da própria vida de Paulo presentes não só neste como em outros textos do NT, especificamente o livro de Atos<sup>3</sup>, situando-a nas década de 50 e.c. na maior parte dos casos.

É importante ressaltar, no entanto, que a utilização dos relatos de Atos, como históricos é discutível, já que o livro é elaborado a partir de preocupações teológicas da comunidade à qual se dirige, não se propondo a um registro acurado da realidade, além de se distanciar cronologicamente dos fatos que descreve (CROSSAN E REED, 2007, p.212; BARBAGLIO, 1991, p.11; LUHRMANN, 1992, p.3; LAGRANGE, 1950, p.XVI).

A datação também é, em parte, dependente da identificação dos destinatários da carta, o que torna ambas as questões condicionais ou igualmente nebulosas. Alguns autores afirmam que Paulo teria usado “gálatas” como um termo unicamente étnico se referindo aos habitantes do norte da província descendentes das tribos celtas (VIARD, 1964, p.9-11). A teoria do Norte e a do Sul se baseiam no fato de que Paulo poderia ter fundado Igrejas na parte norte da província ou nas partes norte e sul e, portanto, poderia estar dialogando não só com descendentes celtas, mas também com a população da Licaônia, e Psídia, que ainda fazia uso de sua língua nativa e onde residiam judeus<sup>4</sup>.

Quanto a isso, Rankin, admite a datação da carta ao ano de 51 e.c. e, tendo em vista que nessa época “Galácia” era o nome de toda a província e englobava os territórios norte e sul, afirma que Paulo não parece se dirigir às terras do norte, povoadas pelas tribos celtas, mas à província como um todo. Sua argumentação é baseada no conteúdo da carta. Paulo estaria criticando aspectos humanos, encontrados em todas as sociedades em vez de características celtas usualmente atribuídas a estes povos por gregos e romanos (RANKIN, 1996, p.205).

---

<sup>3</sup> Há também outras versões na qual Paulo estaria preso em Roma, sendo este, o único motivo que o impediria de levar sua mensagem pessoalmente para as comunidades (NEIL, 1967, p.13-15;LAGRANGE, 1950, p.XXVII).

<sup>4</sup> Quanto a isso Cothenet afirma que a Teoria do Sul seria uma tentativa de harmonização entre os textos de Gálatas e Atos (

Martyn contabiliza "As Igrejas da Galácia", às quais a carta se endereça, como duas ou três localizadas nas cidades helenizadas de Ankyra, Pessinus e talvez Tavium, e entende "Gálatas" como um termo simultaneamente geográfico e étnico por meio do qual Paulo se dirigia não somente à província, mas especificamente à região norte (MARTYN, 1997, p.16).

Também é usado o argumento lingüístico a partir do testemunho de Jerônimo, segundo o qual os povos da Gália e da Galácia teriam um passado comum por conta do uso de línguas similares, portanto os Galátas haviam sido celtas (SCHNEIDER, 1980, p.5). Jewett entende a ligação que Jerônimo faz entre gauleses e gálatas como um mal entendido e uma generalização. Segundo ele, já que ambos os povos eram descritos como estúpidos pelos autores da época, Jerônimo teria deduzido que ambos teriam uma origem comum (NANOS, 2002a, p. 75-85 passim).

Aqui admite-se que Paulo estaria usando o termo Gálatas em seu sentido étnico, referindo-se à região central da província romana da Galácia. Os povos habitantes desta região seriam formados por descendentes de pagãos celtas vindos da Europa e que se uniram à população indígena (COTHENET, 1985, p.10).

As "Igrejas" eram, portanto, congregações homogêneas, predominantemente gentias, admitindo-se algum contato com o judaísmo ainda que não significativo o suficiente para que houvesse grupos judeus naquelas comunidades<sup>5</sup>. Sabe-se que estas eram definitivamente helenizadas por conta do uso da língua grega, e que seu passado e formação influenciam sobremaneira a forma pela qual interpretavam e exerciam o cristianismo demonstrado por Paulo<sup>6</sup>. Seriam, portanto, praticantes de um "cristianismo gálata" impossível de ser acessado pela carta em si<sup>7</sup> e permeado de um alto nível de sincretismo (MÍGUEZ, 1998, p. 86).

Paulo denuncia e repreende, a guinada à lei judaica e o retorno a um calendário religioso, o que é interpretado como retorno ao paganismo por SHNEIDER (1967, p.9) e sinônimo de idolatria e bruxaria por LUHRMANN (1992,

---

<sup>5</sup> É possível que a mensagem de Paulo tenha sido entendida com alguma confusão com relação ao "recebimento do espírito" pregado por ele e a possessão espiritual das sociedades helenísticas, o que teria tornado os indivíduos altamente individualistas, daí a mensagem de amor que Paulo desenvolve na carta (JEWETT, 2002, p.344-347 passim).

<sup>6</sup> LUHRMANN não considera esta "tradição celta" importante porque, segundo ele, as tribos teriam sido expulsas do território em questão séculos antes da chegada de Paulo, portanto, não haveria mais celtas na região (1992, p.2).

<sup>7</sup> Barbaglio interpreta a passagem de Gl 4,9 que pode ser traduzida da seguinte forma: "mas agora que conheceis a Deus ou, antes, sendo conhecidos por Deus, como estais voltando, outra vez, aos elementos fracos e pobres, aos quais, de novo, quereis ainda escravizar-vos?" (BJ, 2002, Gl 4,9) como indício de que "concretamente, a religião deles consistia na adoração das forças da natureza" (BARBAGLIO, 1991, p. 12).

p.3). Por isso, carta teria sido destinada a comunidades já cristãs e não mais pagãs ainda que sua conversão tivesse se dado há um curto período de tempo (BARBAGLIO, 1991, p.15).

Sobre isso Betz faz questionamentos importantes: (i) que igrejas eram estas; (ii) se e de que forma mantinham contato, e (iii) que tipo de pessoas faziam parte delas. Para ele, as Igrejas estariam ligadas de alguma forma impossível de ser recuperada pelos leitores atuais (BETZ, 1979).

"Nós não sabemos se os gálatas a quem Paulo se dirige eram descendentes dos antigos celtas, ou se eles representavam a mistura étnica que foi encontrada na maioria das cidades helenístico-romanas. De qualquer forma, estas pessoas devem ter pertencido à população da cidade Helenizada e não à população rural ." (BETZ 1979, p. 2)

A partir da forma da carta, ou seja, de sua construção retórica e teológica sofisticada, a carta seria destinada a uma parte da população educada, portadora de meios financeiros e interessada na discussão sobre emancipação política, social e religiosa já que estava diretamente afetada pelas limitações do sistema em vigor (BETZ 1979, p. 3). Assim, mais do que a uma etnia, a denominação "gálatas" na carta de Paulo parece se referir a uma elite dominante da região capaz de manipular os símbolos helênicos (CUNLIFFE, 1997, p. 180).

Admite-se aqui que os destinatários da carta eram celtas quando chegaram ao platô central da Ásia Menor, e que nesta região residiam alguns povos, transitavam outros e chegavam outros mais com o passar do tempo. A convivência teria feito com que, na época de Paulo, esses povos houvessem se mesclado de tal forma ao solo e a outros povos que já não se entenderiam como celtas, mas gálatas. Assim, torna-se necessária a busca de mais dados que indiquem como este processo de interação<sup>8</sup> se deu e a que deu resultado.

## **2. Cenário do I Século e.c.**

Algumas interpretações expostas em obras pesquisadas (MURPHY-O'CONNOR, 1996, p.207; BETZ, 1979, p.2) afirmem que não se poderia extrair da

---

<sup>8 8</sup> Faz-se necessário aqui estabelecer alguns conceitos importantes no que diz respeito a interações culturais, helenização e romanização. Não se pretende, no entanto, analisar os conceitos profundamente, para o que já existe uma vasta bibliografia, e sim demonstrar como estes processos se deram na região da Galácia e em que nível estavam na época da produção de sua carta por parte de Paulo. Assim, a fim de definir de forma ampla e geral, Momigliano entende o período helenístico como caracterizado pelo encontro de inúmeras culturas disseminadas na bacia mediterrânea e para além dela, sob a égide do helenismo (MOMIGLIANO, 1991, p.9-26). E Levine chama o processo de adoção e adaptação da cultura helênica em um nível local de helenização. Implica dizer, que esta não deve ser vista como um processo homogêneo, mas repleto de especificidades locais, resultado do encontro da cultura grega com as múltiplas e variadas culturais locais. (LEVINE, 1998, p. 3-32).

carta nada relativo aos gálatas ou a sua formação da carta exclusivamente. Isso pelo fato de que, apesar de se dizer direcionada aos gálatas, a carta seria endereçada verdadeiramente para os grupos judaizantes, que influenciavam esta comunidade a observar um calendário específico e se submeter à circuncisão. Aqui entende-se que isso não quer dizer que a carta não teria nada a revelar sobre as comunidades às quais se dirige.

Sabe-se que, do período romano e mesmo um pouco antes, o transporte de produtos que podem ser inferidos das inscrições esculpidas em lápides<sup>9</sup> era realizado por meio de estradas romanas (MITCHELL, 1993, p. 124); e que as cidades de Pessino, Ankara e Tavium, localizadas no centro da Península, eram grandes centros comerciais<sup>10</sup>. O caráter predominantemente rural desta região possibilitava que a fronteira entre as práticas religiosas e mágicas fosse estreito.

Os povos frígios e celtas são aqueles cuja presença na formação da cultura gálata é perceptível pela análise de vestígios arqueológicos em diversos níveis estratigráficos, incluindo os períodos helenístico (III séc. a 150 a.e.c.) e romano (I ao III séc.e.c.)<sup>11</sup>. Segundo esta datação, os frígios já estariam habitando a região desde o X séc. a.e.c. e pouco antes do começo do período helenístico estavam sob influência persa. O nível de helenização desses povos durante o I séc. e.c. é demonstrado pelas cidades e templos da região. Importantes exemplos são as cidades de Pessino, Gordion e Ankara.

Pessinus havia sido uma cidade frígia antiga na qual era localizado um conhecido templo dedicado à deusa Kybele também conhecida como a grande mãe dos deuses . Gordion havia sido a capital do reino frígio em sua época, mas já havia perdido muito de sua importância econômica e política na época de Paulo, tendo se ruralizado. Próxima a esta cidade localiza-se Ankara, hoje capital da Turquia.

No ano de 278 a.C. povos celtas<sup>12</sup> impulsionados por conflitos internos e superpopulação, dissidentes de outras tribos que se fixaram nas proximidades da Grécia, chegaram à península da Anatólia ocupando a região (CUNLIFFE, 1997, p.178). O grupo que migrou para a região central da Anatólia era formado por três tribos distintas que falavam a mesma língua e sua presença seria de tal forma

---

<sup>9</sup> Há registro de lápides com temas freqüentes de: roca de fiar, picareta e podão, cachos de uva, espigas de trigo e uma canga de bois puxando um arado. "Os cereais mantinham viva a província, a lã trazia-lhe riqueza" (MITCHELL, 1993, v. 1, p. 146).

<sup>10</sup> Isso pode ser depreendido de vestígios arqueológicos que serão discutidos adiante neste artigo.

<sup>11</sup> A ocupação do território da atual Turquia é classificada pelos arqueólogos como de longa duração, isto é, desde a era paleolítica até a Turquia moderna constata-se a ocupação ininterrupta da região. Este tipo de ocupação é objeto de grande interesse arqueológico tendo em vista os fenômenos de transição que podem ser ali estudados.

<sup>12</sup> Os celtas estavam entre os povos com os quais Roma mantinha relações, ainda que nem sempre amigáveis. Inicialmente habitando a região central da Europa, estes povos iniciaram um grande processo de migrações entre os anos de 400 e 180 a.e.c. rumo à Itália, Ásia e Ásia Menor.

evidente para seus contemporâneos que a região que vieram a habitar recebeu então o nome de Galácia (FERREIRA, 2005, p.14). Seu povoamento na Ásia Menor começou de fato em 232 a.e.c. principalmente na região da atual cidade de Ankara. onde se situava um templo de cujas paredes foi possível recuperar a obra "Res Gesteae Divi Augusti".

Há registros de que haviam sido convidados por Nicomedes, rei da Bitínia, para servirem em seu exército como mercenários no conflito contra Antíoco I, e, posteriormente, acabaram por se fixar no território entre a Bitínia e os territórios deste segundo soberano servindo como barreira de proteção<sup>13</sup> (CUNLIFFE, 1997, p.178).

Ainda assim, alguns de seus aspectos continuam obscuros, principalmente com relação ao pagamento. Sabe-se que esquadrões inteiros eram envolvidos em batalhas alheias e que normalmente eram seguidos por mulheres e crianças trazendo mantimentos. Por conta desta massa em movimento, é comum que estes grupos se fixassem em regiões vizinhas. Ainda não é possível distinguir, no entanto, entre o botim de guerra e o pagamento dos soldados (SZABÓ, 1991).

A importância das batalhas na estrutura das tribos celtas é observada na análise que César faz dos povos denominados gauleses<sup>14</sup> (CÉSAR, 1869). Os focos de interesse desses povos residiam no próprio botim, mas também dos banquetes e da honra que a guerra trazia aos indivíduos que se destacavam<sup>15</sup>. Esta permanência em relação à cultura celta - a batalha - alimentou incursões às regiões circunvizinhas até sua derrota por Atalo I de Pérgamo. Os celtas serão então usados como mercenários nos exércitos selêucidas e ptolomaicos. Após a morte de Atalo I, em 197 a.e.c. estes voltam a dirigir ataques ao oeste até serem derrotados por Prusias da Bítinia.

É possível estender aos gálatas alguns elementos do que se sabe sobre a estrutura religiosa dos celtas da Gália e comuns na maioria das regiões ocupadas por esses povos, ou seja, uma estrutura religiosa politeísta, com a presença, em

---

<sup>13</sup> O fato de que os povos celtas eram reconhecidos por sua eficiência em batalha e crueldade com os inimigos, incluindo sacrifícios humanos, era bem conhecido pela população da região, a ponto de preferirem tirar a própria vida a serem capturados por estes povos (RANKIN, 1996, p.189).

<sup>14</sup> Admite-se aqui que a comparação entre os celtas que migraram para a Ásia Menor e os que foram descritos por César, em sua obra sobre a guerra contra a Gália (CÉSAR, 1869), é possível. Pois, mesmo tratando-se de tribos diferentes, tinham pontos comuns em termos de comportamento, como reconhecido por fontes antigas que descrevem celtas, gauleses ou gálatas com certa unidade (ESTRABÃO, 1924).

<sup>15</sup> Corcoran entende este interesse por batalhas como fruto de uma interação entre povos celtas de períodos anteriores e o mundo clássico, de onde estes primeiros se sentiram estimulados a produzir bens de luxo desenvolvendo a arte e a metalurgia, e adotando práticas como o banquete. Por conta desta interação teriam surgido não só essas práticas, como também uma classe que pode ser chamada aristocrática no mundo celta (CORCORAN, 1970, p. 34).

maior ou menor grau, da magia executada por meio de rituais descritos como “supersticiosos e vulgares” (ESTRABÃO, 1924) pelos vestígios literários.

Dentre estes rituais incluía-se o sacrifício humano, atestado pelas fontes antigas e por vestígios arqueológicos, efetuado com maior ou menor frequência, e também, principalmente, a concepção de que sua religião deveria ser passada adiante de forma oral, razão da ausência de vestígios escritos produzidos por estes povos.

Para Kruta o conhecimento sobre uma religião celta é baseado em inferências a partir do que se tem de iconografia numa análise comparativa com os registros das religiões indo-européias:

“Ao contrário a maioria das religiões antigas, a religião celta não pode ter constituído um conjunto consistente e imutável de crenças. Deve ter sido um panteão composto de deuses tribais, deuses locais (muitas vezes pré-célticos), e cultos pertencentes a classes sociais específicas, todos juntos em um sistema flexível, organizado em torno de um punhado de grandes deuses pan-célticos de um ‘poço’ mitológico comum” (KRUTA, 1999, p.533)

Segundo Renfrew os vestígios arqueológicos por si só não seriam capazes de falar, ou seja, de afirmar elementos relativos a estruturas complexas como a religião. Entretanto, teriam sim, o poder de validar ou negar hipóteses já propostas, o que já consistiria em algum avanço teórico sobre o tema.

Assim, a população frígia teria sido absorvida por alianças e casamentos entre membros de ambas as comunidades e pela adoção por parte dos povos celtas da estrutura ritual e deuses frígios<sup>16</sup> a ponto de a elite religiosa ser quase totalmente de origem celta, o que é demonstrado por nomes presentes em lápides (MITCHELL, 1993; p. 41).

Para Cunliffe os celtas que migraram para a região da Galácia não teriam sentido necessidade de fundamentar sua dominância por meio de elementos simbólicos como a religião, já que esta dominância já era sentida política e culturalmente por eles e pelos demais povos da época, a exemplo da escolha do nome da região relativo aos celtas, não aos frígios (CUNLIFFE, 1997: 172, 178).

Entretanto, segundo Mitchell, distinguem-se duas vertentes: uma que afirmaria a união das elites sacerdotais celta e frígia por conta das similaridades entre ambas as religiões, apesar de não haver registros dessa união até o II séc. e.c. E uma segunda, que entenderia a entrada celta na elite sacerdotal frígia como

---

<sup>16</sup> Ao comparar o que se sabe da estrutura religiosa celta com a frígia é possível ver diversas semelhanças que podem ter facilitado o processo de mescla de uma com a outra, afinal, ambas são estruturas politeístas envolvendo rituais de êxtase.



uma manobra política para aquisição de poder por parte dos celtas (MITCHELL, 1993: 48).

Em 131 a.e.c. ocorre a revolução que transforma a República romana num Império, mas o comércio, a busca por escravos e as guerras endêmicas já faziam parte do cotidiano de Roma nesta época e continuariam fazendo no período seguinte. Por conta disso, o diálogo entre romanos e bárbaros não causa surpresa, e a relação de ambos como concorrentes e vizinhos é marcada por conflitos, mas também curiosidades:

“A escala das trocas comerciais com Roma foi considerável e atuou como um estímulo à produção local; ela também apresentou o estilo de vida romano aos nativos que, ao longo das décadas, abraçaram cada vez mais os luxos e costumes romanos ” (CUNLIFFE, 1994, p. 411 a 414).

Roma é trazida para a região da Anatólia quando em 190 a.e.c. se alia a Pérgamo contra Antíoco III selêucida. Após derrota deste último, Manlius Vulso, comandante romano, continuou seu ataque aos gálatas até 189 a.e.c. quando é feito um acordo com os gálatas de que estes não efetuassem mais incursões na parte oeste da Ásia Menor. Ao pacificar a região, tornando as tribos celtas suas aliadas, Vulso transforma suas terras em *ager publicus* sem o confisco destas, o que vai iniciar um gradativo aumento da população romana na região.

Em 25 a.e.c. Otaviano Augusto cria a *Provincia Galatia Romana*, unindo as três tribos que haviam migrado no III séc.: Troceni, Tectosages e Tolistobogii. Apesar disso, em 21 a.e.c. Augusto divide a província em três regiões administrativas principais: Pessino, Ancira e Távio. Já na primeira metade do século I e.c. é observada uma intervenção na região por meio da criação de cidades centrais, de caráter romano. Em 164 a.e.c., é fundada a cidade de Péssino, o que também aumenta a interação entre estes povos.

O processo de romanização da Anatólia envolveu o estabelecimento de colônias militares, estradas para locomoção de pessoas e tropas – sabe-se do esforço para construir estradas na região entre 80 e 122 a.e.c., além da construção de templos de culto a Roma e ao imperador. A região era considerada estratégica para o Império por se tratar de uma passagem para a Ásia.

As incursões celtas às regiões circunvizinhas recomeçariam em 167 a.e.c. e só teriam fim dois anos depois com a elaboração de um novo tratado de paz. Talvez por conta dessas incursões, ao contrário dos frígios, os celtas seriam descritos como cruéis e perigosos, mas pouco persistentes e fáceis de enganar (ESTRABÃO, 1924).

Segundo Estrabão, a Galácia, que possuía soberanos celtas desde o III séc. a.e.c., seria dotada de uma federação "*koinon galaton*", segundo a qual cada povo vivia sob uma tetrarquia. A unificação foi incentivada pelos romanos posteriormente. No topo da hierarquia política estariam o tetrarca, um juiz (*dikastes*), um chefe militar e dois assistentes (*hypostratophylax*). Esta federação era governada por um conselho de 12 tetrarcas e uma assembléia de 300 pessoas que se reuniam em lugares sagrados<sup>17</sup>. Sabe-se que nestes lugares, discutiam-se questões de cunho judiciário (SZABÓ, 1991, p. 320 a 329) (MITCHELL, 1993, p.27-30).

Há dúvidas sobre se esta organização política teria sido fruto de uma herança celta do período anterior ou influência helênica. O fato de se reunirem em um lugar sagrado parece demonstrar que estes gálatas se assemelham mais aos celtas da Gália descritos por César do que às cidades helenizadas. Portanto, admite-se aqui a primeira hipótese.

Sobre o sistema administrativo comercial, era próprio, e apesar de a língua grega ter sido incorporada, havia proeminência das estruturas tribais. O sistema de administração estatal teria suas similaridades com o romano. Mas por outro lado, os soberanos encarregados da administração estatal da região eram gálatas, o que denota certa autonomia em relação ao Império.

O nível de contato entre estes povos parece sinalizar uma gradativa aglutinação de um ao outro, o que é demonstrado por meio de vestígios da época. Após a descrição dos diversos povos imersos em um contexto próximo, observa-se que esta província era extremamente heterogênea. Ao ponto de possuir desde cidades greco-romanas até regiões tribais, principalmente na parte norte. Isso seria um indício da pluralidade de comunidades com povos, cultura e costumes diferentes (ESTRABÃO, 1924), além de marca das interações entre estes.

## II. Indícios

Sabe-se que os gálatas eram residentes de uma região de passagem onde se localizavam grandes centros. Eram possuidores de uma herança celta e frígia, além da influência grega e romana, ou seja, cercados temporalmente e espacialmente por culturas não simplesmente gentias, mas portadoras de uma tradição de culto religioso politeísta que envolvia práticas mágicas diametralmente opostas à mensagem cristã.

---

<sup>17</sup> Houve na Galácia, como com os celtas da Gália, um conselho que reuniu representantes das doze tetrarquias, 300 homens, em *Drunemetom*. No entanto, quando se leva em conta que *nemetom* é uma palavra celta para um lugar sagrado, o nome deste lugar pode denotar o controle deste conselho por parte de uma autoridade religiosa.

Ora, toda essa bagagem não poderia ser abandonada tão rapidamente, e é justamente com isso que Paulo se revolta em GL 1,6 (BJ, 2002). Certamente, não tanto pela identificação longínqua com alguma etnicidade celta, sendo esta baseada na língua ou em práticas já amplamente em desuso no tempo de Paulo; mas pelas influências culturais, não necessariamente celtas, contemporâneas ao próprio Paulo, em especial a dos judaizantes, a grega e a romana.

Por isso, a título de ter uma melhor percepção dos destinatários da carta de Paulo, faz-se necessário o estudo dos indícios presentes nas sociedades em questão respectivamente por meio de vestígios literários e arqueológicos.

### **3.1. Magia**

A publicação de estudos recentes que se atêm ao caso específico dos indícios de interação entre as comunidades cristãs primitivas e as comunidades pagãs, ou mesmo à magia em si, demonstram um aumento do interesse no tema. Chevitaresh propõe uma abordagem inovadora dos estudos bíblicos por abordar esta literatura tal qual documentação histórica. Ao analisar a versão grega da carta aos gálatas, demonstra que as palavras *pharmakós* (GL 5,20 e outras ocorrências) e *báskanos* (somente em GL 3,1) são indícios do diálogo entre as comunidades cristãs e as práticas mágicas deste período (década de 50 do I séc. e.c.).

Apesar de aparecerem poucas vezes na Bíblia como um todo e menos vezes ainda no Novo Testamento, ambas são usadas com um sentido pejorativo. As passagens nas quais aparecem poderiam ser traduzidas da seguinte forma:

“Ora, as obras da carne são manifestas: imoralidade sexual, impureza e lascívia; idolatria e feitiçaria; ódio, discórdia, ciúmes, ira, egoísmo, dissensões, facções e inveja; embriaguez, orgias e coisas semelhantes. Eu os advirto, como antes já os adverti, que os que praticam essas coisas não herdarão o Reino de Deus.” (GL 5,19-21. BJ 2002)

“O gálatas insensatos! Quem os enfeitiçou? Não foi diante de seus olhos que Jesus Cristo foi exposto como crucificado?” (GL 3,1. BJ 2002)

Na primeira passagem pode-se observar a enumeração de diversas práticas que não poderiam ser exercidas por aqueles que seguiam a fé cristã, indicando que naquele tempo ainda havia aqueles que praticassem essas “obras da carne”. No segundo trecho citado, Paulo poderia estar se utilizando de um contraponto entre a magia que utiliza os olhos de forma maléfica para dominar e prender, e sua própria mensagem que trouxe Cristo crucificado aos olhos dos gálatas para libertá-los<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> Para aprofundamento em estudos sobre práticas mágicas e o “olho mal” ver NANOS, 2002.

A presença dessas passagens na carta e o uso destas palavras, escolhidas em meio a tantas outras demonstra não só a presença dessas práticas especificamente na região e tempo analisados, além do Mediterrâneo como um todo, como também a crença tanto de Paulo quanto da comunidade à qual se dirige na eficácia destas práticas, justificada pelo seu temor e advertência.

Por outro lado, o fato da magia estar presente no cotidiano daquelas comunidades não significa necessariamente uma continuidade em termos da cultura celta especificamente. Esta influência mágica poderia ter vindo também das religiões de mistério gregas, das práticas romanas de interpretação de auspícios, ou mesmo da religião frigia. As dificuldades em torno do estabelecimento do que faz parte da religiosidade celta e o que seria oriundo de outras culturas aumentam quando se leva em conta o tipo de interação ocorrido entre os celtas que migraram para a Galácia e os frígios, que culminou em sua assimilação na elite religiosa local, como foi demonstrado anteriormente.

### **3.2. Língua**

O segundo ponto que deve ser aprofundado aqui é a questão das línguas que os gálatas utilizavam, o que pode ser considerada outra marca da interação entre estes diversos povos: frígios a partir de 950 a.e.c.; celtas a partir do III séc. a.e.c.; gregos do séc IV até o I a.e.c.; e romanos a partir do I séc. e.c. Esta questão já foi apontada muito superficialmente pelos estudos articulados nos capítulos anteriores.

Na época da carta de Paulo, a região da Galácia era bilíngüe, há, no entanto, polêmica a respeito de qual língua era usada no cotidiano. Enquanto Cunliffe conclui a partir de vestígios arqueológicos, principalmente epigráficos que houve permanência da língua celta (CUNLIFFE, 1997, p.178), O'Connor afirma que a língua usada era a frígia (MURPHY-O'CONNOR, 1996, p.193).

Murphy O'Connor atribui a continuidade da língua frigia aos casamentos "inter-raciais". À parte toda a polêmica relativa ao termo empregado pelo autor para designar casamentos entre os dois povos, seu argumento se torna pouco consistente já que o casamento por si só não indica o abandono de língua ou cultura alguma, mas sim a negociação entre ambas, ou seja, a união de uma cultura à outra.

Não há dúvidas, no entanto, de que o grego seria usado para fins comerciais e administrativos. A permanência da língua celta, no entanto pode ter se estendido até o período bizantino. Jerônimo afirma que a língua falada na galácia seria similar àquela da Gália (RANKIN, 1996, p.188). Os problemas em torno desta fonte são

por conta de se tratar de uma fonte literária muito posterior à sociedade que descreve, e que, de acordo com Perrot, teria apenas registrado a observação de um viajante antigo em vez de ter sido testemunha real do fato (PERROT apud LAGRANGE, 1950, p.XXV).

Assim, o argumento para a continuidade lingüística a ser usado aqui provem de Mitchell, que o fundamenta por meio de topônimos e nomes familiares de origem celta que estão presentes no I séc. e depois dele (MITCHELL, 1993, p.41 passim, RENFREW, 1987).

A partir disso é possível concluir, como Cunliffe, que embora se utilizassem da língua grega, como os romanos em grande parte faziam, estes povos não podem ser considerados completamente helenizados. E da mesma forma, por mais que houvessem absorvido o culto frígio à mãe dos deuses, não teriam aberto mão de sua cultura em nome da local, mantendo elementos de sua identidade (CUNLIFFE, 1997, p.180).

### **3.3 Arquitetura**

Foram expostas aqui algumas cidades de grande importância arqueológica, além de exemplos do processo de helenização na península da Anatólia. Dentre elas, Pessino e Ankara também estão presentes na literatura antiga e, por isso, permitem que se contraponha os testemunhos gregos e romanos às evidências arqueológicas.

Estrabão escreve sobre a cidade de Pessino como um grande centro comercial, onde haveria um grande templo dedicado à mãe dos deuses, Kybele e cuja descrição demonstra que seria uma construção de caráter helenizado (ESTRABÃO, 1924). Segundo Akurgal, sua estrutura é similar a um templo peripteral grego, mas seria voltado para o oeste de acordo com a tradição dos templos relacionados a cultos antigos na região da Anatólia (AKURGAL, 1973, p.277).

Ankara também possui grande importância histórica e arqueológica. Dotada de assentamentos desde tempos pré-históricos, teve um povoamento de pequena escala no período hitita e frígio. A quantidade e características de túmulos encontrados ali fazem com que a cidade seja entendida como um grande centro entre 750 e 500 a.e.c. Depois dos frígios a cidade teria sido ocupada pelos celtas do segundo quarto do III séc. em diante.

"A cidade foi a capital da tribo dos gálatas Tektosages. Durante este período, as divindades Men e Kybele eram adorados na cidadela. A

câmara funerária corbel-abobadado de Deiotarus, tetrarca da Galácia, que morreu ca. 40 aC, foi descoberta, em conjunto com uma inscrição em um lugar chamado Karalar perto de Ancara. "(AKURGAL, 1973, p. 283)

Nesta cidade seria localizado um templo dedicado a Augusto cuja construção data de 25-20 a.e.c. podendo ter sido em comemoração à anexação da Galácia a Roma na forma de província. Shede, no entanto se baseia em moedas para demonstrar que este templo, também orientado para o oeste, teria sido construído e servido ao culto de Men e Kybele antes que estes fossem substituídos por Augusto e Roma .

Shede também compara este templo ao templo de Zeus em Aizanoi, dizendo serem ambos bastante similares em diversos aspectos como a planta e a disposição da ornamentação na parede da cella (AKURGAL, 1973, p. 286). Mas o fato deste templo também ser voltado para o oeste qualificaria uma observância de uma tradição religiosa da Anatólia. A junção destes elementos de culturas diferentes num mesmo monumento ilustra essas negociações culturais.

Gordion havia sido a capital do reino da Frígia por volta do VIII séc. a.e.c., teve seu período de glória entre 725 e 675 a.e.c. e é conhecida por ter sido habitada pelo rei Midas. Esta cidade foi destruída no início do VII séc. a.e.c. por conta de uma invasão Cimmeria, mas seus vestígios arqueológicos revelam que esta cidade foi próspera até o século seguinte. Governada pela Pérsia até conseguir sua independência com Alexandre, o grande.

A cidade frígia foi grandemente explorada desde 1901 por diversas equipes de arqueólogos. A análise desta cidade parece demonstrar as origens orientais do povo frígio. Os túmulos ali encontrados são diferentes dos lídios e gregos por não possuírem *krepidoma* ou *dromos*. A câmara mortuária era construída no nível do solo e em madeira em vez de pedra.

Se, por um lado, estes dados não informam a respeito da ocupação celta e do período gálata posteriores, a partir deles é possível observar um tratamento para com os mortos especificamente frígio. Isso capacita o pesquisador a, através de uma análise comparativa e por meio de vestígios que a possibilitem, estabelecer de que forma esta cultura seria perceptível na sociedade gálata.

Sem dúvida, a relação destes povos com a cultura grega também teria influenciado o discurso de Paulo<sup>19</sup>.

---

<sup>19</sup> A despeito da existência destes templos como marca da helenização dos povos, Rankin interpreta a escolha por parte dos celtas especificamente em viver em locais afastados destes centros helenizados como uma rejeição da cultura helênica por parte deles. Para ele, se este último estivesse se dirigindo a povos celtas. O uso de elementos culturais gregos teria sido evitado tendo em vista a resistência celta a

“Os povos celtas do norte da Galácia tenderam para os caminhos romanos, em vez dos costumes dos desprezíveis gregos. No entanto, os homens do norte não eram completamente ignorantes da língua grega, que a administração romana estava tentando promover na área. Nesta fase, a religião dos Celtas era mais equiparada à frígia e muito de seu sabor céltico pode ter sido supostamente dissipado pelo tempo” (RANKIN, 1996, p.205).

Ramsay afirma que os celtas de 50 d.C. não eram helenizados, pois quando recebiam a influência burocrática romana, essa era sobreposta a um sistema gálatas sem nenhuma etapa intermediária de transformação para o tipo helênico (em MURPHY O’CONNOR, 1996, p. 198 e 199).

Mitchell demonstra que a presença romana na região também tinha alguma força pelo exemplo da cidade de Amisus que teria uma comunidade de cidadãos romanos assentada ali por Julio César desde quando ele a havia declarado cidade livre (MITCHELL, 1993, p. 39). Mas a substituição do culto aos deuses Men e Kybele pelo culto a Augusto e Roma também a demonstram.

As rotas comerciais e os povoamentos de caráter helênico e romano demonstram claramente a presença romana e helênica na região, não sendo necessárias mudanças nas grandes estruturas culturais como o sistema burocrático para demonstrar esta interação. A lealdade ao Império também poderia significar, principalmente, a diminuição dos impostos e construção de aquedutos e obras voltadas para o entretenimento, sendo almejada pelas elites locais que eram usadas como instrumento de controle indireto do sistema político romano.

Enfim, a helenização dos povos em questão (frígios, gregos, romanos e celtas) é comprovada tanto por vestígios literários como arqueológicos, bem como a posterior romanização destes mesmos povos (MITCHELL, 1993). Portanto, entende-se aqui que cada cultura presente na região da Galácia teve grande importância na formação da comunidade para a qual Paulo se dirige na Carta aos Gálatas, mais, que cada encontro proporcionou um sincretismo e uma resignificação de suas estruturas tornando as comunidades gálatas algo novo e diferente de cada povo que contribuiu para sua formação individualmente.

### **3.3. Achados Arqueológicos**

Um sítio arqueológico florescente na região central da Anatólia é o de Gordion<sup>20</sup>. Os relatórios parciais de sua escavação dirigidos por Lisa Kealhofer e

---

esta cultura. A passagem de Gl: 3,1 (BJ, 2002) não seria, portanto, marca de um preconceito àquele povo.

publicados em 2005 são fruto de um novo projeto que envolvia a antropologia em conjunto com a arqueologia entre outras ciências como zooarqueologia e paleoetnobotânica para melhor analisar a economia e política das comunidades estudadas .

É visível a ênfase nos períodos de ocupação frígia em detrimento dos períodos helenístico tardio ou Gálata (do III séc. a 150 a.e.c.), quando há a migração de tribos celtas para a região; e o período romano (do I ao III séc. e.c.) que seria quando Paulo teria escrito a carta. Recentemente passou-se a explorar melhor estes períodos, o que Andrew Goldman julga fruto dos estudos a respeito da dinâmica provincial romana e dos impactos da Romanização na região da Galácia rural, além de padrões e rotas de comércio (GOLDMAN, 2005 passim).

Goldman divide o período romano em quatro fases principais de acordo com as construções encontradas e cruzando os achados com os registros literários existentes. Em suas palavras a “análise das duas primeiras fases está em curso” e apesar de sua datação ainda ser incerta, juntas somam do ano 0 a 75 e.c., mas “muito do trabalho reside em nossa investigação da Gordion romana” (GOLDMAN, 2005).

Se o estudo do período romano não parece tão animador já que sua análise ainda se encontra em andamento, Page Selinsky proporciona uma interessante comparação entre os períodos helenístico e romano no que diz respeito a achados de esqueletos humanos. De uma coleção que varia desde o séc XVII a.e.c. até o IV e.c., Selinsky investiga a mudança do uso da Lower Town do período helenístico para o romano a partir da análise de esqueletos encontrados no local.

Se no período romano os corpos encontrados haviam sido enterrados ou cremados, anteriormente o mesmo terreno era usado para sacrifícios humanos. Chega-se a essa conclusão através de uma análise cuidadosa dos achados e de sua comparação com outros achados similares na Europa que vieram a ser interpretados como sacrifícios humanos (SELINSKY, 2005).

A mudança drástica no uso do terreno sugere o abandono de práticas rituais religiosas celtas e posterior adoção de práticas greco-romanas. O que remete a uma forte interação cultural entre ambas as partes a ponto de provocar uma ruptura nos ritos funerários da comunidade.

Szabó afirma que no III séc. a.e.c. a cremação era a prática funerária mais recorrente entre estes povos, mas nesse período também são encontradas mulheres ricas, além de guerreiros enterrados com seus bens. Os objetos encontrados nesses enterramentos são de caráter misto, ou seja, encontram-se objetos de caráter celta e objetos de caráter indígena. Apresentando variações



regionais, o enterro de mulheres é entendido como dependente de sua identidade étnica (SZABÓ, 1991, p. 330).

Também neste período os povos celtas apresentam mudanças em termos de ocupação do território, indicando uma possível ruralização. Isso acarreta mudanças nas religiões tribais como um todo, por conta da adoção de santuários públicos que acabaram por se tornar o “*fulcrum*” da tribo. É percebida uma democratização dos ornamentos por sua produção em massa. “Está ficando claro que a arte celta do III séc. a.e.c. possuía funções religiosas ou mágicas” (SZABÓ, 1991, p. 334), o que pode ser entendido como reflexo de um comércio próspero.

Em Gordion, Voigt percebe uma descontinuidade no que diz respeito à arquitetura entre o período helenístico e gálata em termos de técnicas de construção, plantas das casas e orientação das paredes. Segundo ela, Young teria descrito a Gordion gálata como uma “*village*” por se tratar de um assentamento murado, similar a um *oppidum*<sup>21</sup>.

Segundo ela, Young também teria encontrado, em suas escavações no sítio arqueológico de Gordion, um nome celta (*Kant[x]uix*) presente numa inscrição, além de uma fíbula ornamentada segundo o design La Tène. A interpretação que Voigt expõe é que, no período gálata, os celtas “apesar de serem fortemente helenizados, mantiveram sua língua nativa e praticavam rituais trazidos de sua terra natal européia.” (EXPEDITIONS, vol. 45, nº1, p. 19).

O caso específico de Gordion demonstra que no período helenístico – demarcado pelos arqueólogos como indo de fins do IV séc a.e.c. até 150 a.e.c. – a tradição celta ainda se mostrava presente, mas na progressão para o período romano – I ao III séc e.c. – estas práticas foram gradualmente abandonadas. O que aponta para a não permanência de elementos reconhecidos pela própria sociedade como celta no momento da pregação de Paulo, na década de 50 e.c.

## **Conclusão**

O objetivo do percurso bibliográfico aqui delimitado é o de demonstrar que os povos para os quais Paulo falava em sua epístola aos gálatas mantiveram a mesma denominação de “gálatas” que receberam quando de sua migração para a região e até mesmo antes disso, mas esta denominação não pode mais ser entendida como sinônimo para celtas.

---

<sup>21</sup> Os *oppida* seriam cidades celtas fortificadas encontradas até mesmo no sudoeste asiático. Estas cidades seriam densamente populosas, socialmente estratificadas e cruzadas por redes de comércio estabelecidas por todo o mundo antigo. Isso teria permitido que a cunhagem de moedas tivesse início no mundo celta (HAMILTON, EXPEDITIONS, vol. 45, nº1, p. 20 a 25).

Considerando a datação estabelecida pelos comentários bíblicos para a elaboração, por Paulo, da Epístola aos Gálatas, verifica-se que sua produção se dá séculos depois da migração das tribos celtas para a região. Apesar dos indícios expostos no capítulo três, que indicam uma forte presença de elementos pagãos na carta, a análise dela, por si só, não é capaz de demonstrar elemento algum que permita interpretar que Paulo haveria reconhecido naquela comunidade uma herança celta com a qual ele mesmo não teria tido contato anteriormente para uma possível comparação.

A concepção de que a carta era dirigida a um público gentio é inegável, mas, por outro lado, sua influência pagã poderia ser oriunda de diversas culturas em questão e não necessariamente a celta. Por isso, fica claro que Paulo não teria nenhuma intenção, talvez nem ao menos o conhecimento de que aquelas comunidades haviam, décadas antes de sua chegada, praticado os rituais funerários celtas.

De antemão, a presença de sacrifícios humanos até o I séc e.c. por si só indica a permanência de hábitos semelhantes às tribos celtas originárias da Europa apontando para a permanência desta cultura um século depois da chegada destes povos. Os indícios de nomes familiares demonstrados por Mitchell também demonstram não só a união das famílias celtas com as frígias por meio de casamento, como também o predomínio de nomes celtas ligados à elite religiosa não só no platô central da Anatólia, mas em diversas cidades com as quais estes povos entraram em conflito.

A partir disso o questionamento sobre a variedade de trabalhos que ligam uma suposta etnicidade celta à comunidade da Galácia é perfeitamente natural. É importante perceber que 334 anos separam a migração original (278 a.e.c.) do momento em que Paulo haveria escrito a carta para aquela comunidade (56 a.e.c.) totalizando uma média de cinco gerações. Por isso a cultura do povo migrante já teria se amalgamado de tal forma com as culturas locais que já não poderia ser reconhecida separadamente desta.

Assim, as contribuições de estudos antropológicos e arqueológicos indicam que no período romano, ou seja, no momento em que Paulo faz sua pregação e, posteriormente, produz a epístola, a interação cultural entre os povos já estava num grau tão avançado que não é mais possível determinar qual prática é proveniente de uma ou outra cultura, foi produzido um híbrido independente dos anteriores.

Entende-se, portanto, que as tribos que migraram para a região central da Anatólia ainda mantiveram suas práticas por determinado tempo, o que podia ser

visto por testemunhas contemporâneas. No entanto muitas destas práticas foram gradativamente caindo em desuso, ao passo que outras, que foram mantidas, haviam rompido sua comunicação com suas origens porque entendidas como pertencentes a um novo grupo identitário.

Esse processo é observado pelo fato de que desde o século III a.e.c. até o século I e.c. o intenso processo de interação que se deu entre as tribos que migraram para a região e os povos com os quais estas entraram em contato, interferiu diretamente na formação da população, tornando-a extremamente heterogênea.

Na época de Paulo, portanto, a região da Galácia já havia se tornado um amálgama, ainda que heterogêneo, ao qual só é possível se referir sob a denominação de gálatas, não tendo essa, a não ser em sua origem, mais nenhuma ligação direta com as tribos celtas.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

AKURGAL, Ekrem. *Ancient Civilizations and Ruins of Turkey – From Prehistoric Times Until The End Of The Roman Empire*. Haset Kitabevi: Istambul, 1973.

BALLESTER, Xaverio. *Sobre el Etnónimo de los Gálatas (Y De Los Celtas)*. Gerion vol. 20 núm. 1; 2002.

BARBAGLIO, G. *A Carta de Paulo (II)*, São Paulo: Edições Loyola, 1991.

BETZ, H. *Galatians*. Philadelphia: Fortress Press, 1979.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova Edição, Revista e Revisada, São Paulo: Paulus, 2002.

CHEVITARESE, André L. e CORNELLI, Gabrielle. *Judaísmo Cristianismo e Helenismo*, São Paulo: Annablume, 2007.

CORCORAN, J.X.W.P. *The Origins of the Celts: The Archaeological Evidence* In: CHADWICK, Nora. *The Celts*. Great Britain: Penguin Books, 1970.

COTHENET, E. *A Epístola aos Gálatas* In: Cadernos bíblicos nº34, São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

CROSSAN J. D. E REED, *Em Busca de Paulo*. São Paulo: Paulinas, 2007

CUNLIFFE, Barry. *The Ancient Celts*. New York: Oxford 1997

\_\_\_\_\_ *The Celts – A Very Short Introduction*. New York: Oxford 2003.

\_\_\_\_\_ (ed.) *The Oxford Illustrated History Of Prehistoric Europe*. New York: Oxford, 1994.

- DARBYSHIRE, Gareth. MITCHELL, Stephen. VARDAR, Levent. *The Galatian Settlement in Asia Minor* In: *Anatolian Studies* 50, 2000.
- DOBECH, Gerhard. *Ancient Literary Sources* In: KRUTA, V. (ed.) *The Celts*. New York: Rizzoli, 1999.
- FERREIRA, Joel Antônio. *Gálatas, A Perícope da Abertura de Fronteiras*. São Paulo: Ed. Loyolla, 2005.
- FREY, O. *The Celts in Italy* In: GREEN, M (ed.) *The Celtic World*. London: Routledge, 1995.
- GIAVINI, G. *Gálatas – Liberdade e Lei na Igreja*. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e historia*. São Paulo: Companhia das Letras: Ed. Schwarcz, 1989.
- GOLDMAN, A. *A Roman Cemetery at Gordion, turkey* EXPEDITIONS, VOLUME 43, NUMBER 2
- \_\_\_\_\_ *From phrigian capital to rural fort: New evidence for the roman military at gordion, Turkey* EXPEDITION, VOLUME 49, NUMBER 3
- \_\_\_\_\_ *Research notes: A rare roman trio – octagonal gemstones excavated at Gordion* EXPEDITION, VOLUME 44, NUMBER 3
- \_\_\_\_\_ *Reconstructing the roman-period town at Gordion* In: KEALHOFER, Lisa. (org.) *The archaeology of Midas and the Phrygians: Recent work at Gordion*. 2005.
- GREEN, M. *The Gods and the Supernatural* In: GREEN, M (ed.) *The Celtic World*. London: Routledge, 1995.
- HAMILTON, E. *The Celts and Urbanization: The Enduring Puzzle Of The Oppida* EXPEDITION, VOLUME 45, NUMBER 1
- JEWETT, R. *The Agitators and The Galatian Congregation* In: NANOS, M. (Ed.) *The Galatians Debate – Contemporary Issues in Rhetorical and Historical Interpretation*, Massachussetts: Hendrickson Publishers, 2002.
- KRUTA, V. *Celtic Religion* In: KRUTA, V (ed.) *The Celts*. Rizzoli, New York, 1999.
- KÜMMEL, H. G. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Edições Paulinas, 1905.
- LAGRANGE, M. *Saint Paul Épître Aux Galates*. Paris: J. Gabalda et C<sup>ie</sup> Éditeurs, 1950.
- LEVINE, Lee. *Judaism and Hellenism in Antiquity: Conflict or Confluence?* Seattle: University of Washington Press, 1998.

- LÜRMANN, D. *Galatians – A Continental Commentary*. Minneapolis: Fortress Press, 1992.
- MAC CANA *Celtic Heroic Tradition* In: KRUTA, V (ed.) *The Celts*. Rizzoli, New York, 1999.
- \_\_\_\_\_, P. *Mythology and the oral tradition –Ireland* In GREEN, M (ed.) *The Celtic World*. London: Routledge, 1995.
- MALINA, B. *Social-Scientific Criticism – Rhetorical Criticism and Social-Scientific Criticism: Why won't Romanticism Leave us Alone?* In: NEYVREY, H. e STEWART, E. (ed.) *The Social World of the New Testament – Insights and Models*, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2008.
- MARTYN, J. *Galatians – A New Translation with Introduction and Commentary* In: *The Anchor Bible*. New York: Doubleday, 1998.
- MÍGUEZ, N. *Cristianismos Originários – Galácia, Ponto e Bitínia. Comunidades Humildes, Solidárias, Esperançosas* In: Revista de Interpretação Latino-americana n°29 – 1998/1. *Cristianismos Originários Extrapalestinos (35-138dC)*, Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- MITCHELL, *Anatolia: Land, Men, and Gods in Asia Minor*. vol 1 e 2, Oxford: Clarendon Press, 1993.
- MOMIGLIANO, A. *Os Limites Da Civilização- A Interação Cultural Das Civilizações Grega, Romana, Céltica, Judaica E Persa*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 1991.
- MURPHY-O'CONNOR, Paulo, *Biografia Crítica*. São Paulo: Loyola, 1996.
- NANOS, M. *The Irony of the Galatians – Paul's Letter in First-Century Context*, Minneapolis: Fortress Press, 2002.
- NEIL, W. *The Letter of Saint Paul to the Galatians*, Great Britain: Cambridge University Press, 1967.
- RANKIN, David. *Celts and the Classical World*, London: Routledge, 1996.
- ROSS, A. *The Vernacular Literatures in Druids – Preachers of Immortality*. Gloucestershire, Tempus, 2004.
- SAHLINS, M. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- SCHLIER, H. *La Carta a los Galatas*, Salamanca: Ediciones Sígueme, 1975.
- SCHNEIDER, G. *A Epístola Aos Gálatas*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1967.

\_\_\_\_\_ *Carta a los Gálatas* In: *El Nuevo testamento y su Mensaje*. Barcelona: Editorial Herder, 1980.

SCHWEITZER, A. *O Misticismo De Paulo, O Apóstolo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

SELINSKY, Page. *A Preliminary Report on The Human Skeletal Material From Gordion's Lower Town Area*. In: KEALHOFER, Lisa. (org.) *The archaeology of Midas and the Phrygians: Recent work at Gordion*. 2005.

STROBEL, Karl. *The Galatians in the Roman Empire: Historical Tradition And Ethnic Identity In Hellenistic And Roman Asia Minor* In: DERKS, Ton e ROYMANS, Nico *Ethnic Constructs In Antiquity: The Role Of Power And Tradition*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2009.

SZABÓ, Miklós *Mercenary Activity* In: KRUTA, V. (ed.) *The Celts*. New York: Rizzoli, 1999.

VIARD, A. *Saint Paul Épitre aux Galates*, Paris: J. Gabalda et C<sup>ie</sup> Éditeurs, 1964.

VOIGT, M. *Celts at Gordion: the late hellenistic settlement* EXPEDITION ,VOLUME 45, NUMBER 1

\_\_\_\_\_ *Old problems and new solutions: Recent Excavations at gordion* In: KEALHOFER, Lisa. (org.) *The archaeology of Midas and the Phrygians: Recent work at Gordion*. 2005.

WILLIAMS, S. *Galatians*, Nashville: Abingdon Press, 1997.

#### Sites:

CESAR. *Gallic War*. In: New Classical Library. New York: Harper & Brothers, 1869.

Acessado por meio de <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>

ESTRABÃO. ed. H. L. Jones, *The Geography of Strabo*. London: William Heinemann, Ltd. 1924. Acessado por meio de <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>